

# O professor nota dez: avaliando os que avaliam

Prof. Henrique Vailati Neto, diretor do Colégio FAAP.

Sendo a *Qualimetria* uma revista umbilicalmente ligada ao ensino, mas tendo um amplo espectro de leitores, nós, colaboradores, devemos situar os nossos leitores menos ligados à cultura educacional, mas que, como qualquer ser humano em tempos de educação permanente, precisa saber o que gravita nesse universo que se protege muito dos estranhos. Sobretudo porque, felizmente, todos os seres humanos, durante toda a sua vida, de alguma forma, estarão envolvidos na questão educacional: passadas as preocupações escolares com os filhos, vêm os netos e, como nunca, as necessidades didáticas que a era da comunicação impõe ao profissional de todas as áreas de expor projetos e ideias, assumindo alguma tarefa didática. Enfim, identificar a excelência didático-pedagógica nos quadros de uma instituição sem confundi-la com equipamentos ou outros índices promocionais é a via mais segura de se escolher e é um serviço que buscaremos prestar.

Retomando o que se chamou de Reeducação, sobre a coordenação direta do professor Victor Mirshawka, apoiado pela diretoria do Colégio FAAP, a sua equipe pedagógica e docente deu prosseguimento àquela que foi uma das iniciativas pioneiras da FAAP no ensino brasileiro: convidar os educadores a estudar, a refletirem sobre suas estratégias, a adaptar inovações e a ousar na criação de novas ferramentas de trabalho. É vital para um educador ter a consciência do estudar, do se renovar a cada momento de sua vida, quer porque a dinâmica da história ganhou uma velocidade ímpar, quer para jamais perder a sensibilidade



das dificuldades de se acessar o conhecimento, de se abrir mão do conforto dos paradigmas conquistados ou, até mesmo, como ação exemplar para seus alunos.

Num primeiro encontro de muitas horas, nossa equipe trocou, de forma sucinta, as ações específicas das diversas áreas, revelando os pormenores de suas práticas didáticas num esforço concentrado de buscar um “mercado comum” de informações que possam facilitar o trabalho docente, adequando ao Colégio e às especificidades de cada grupo às estratégias formuladas no **planejamento pedagógico** anual. A riqueza dos recursos apresentados e o conhecimento específico de cada turma, demonstraram mais do que o potencial de trabalho do grupo, mostraram que, na troca de experiências sempre novas possibilidades surgem quando se pensa a **educação de forma criativa**.

Para o segundo de uma série de encontros de Reeducação, ficou acertada a leitura e reflexão a partir da obra *Aula Nota Dez*, de Doug Lemov (Da Boa Prosa, 2010), que traz experiências bem-sucedidas de professores que se destacaram nas escolas *charters*, também iniciativas pioneiras de gestão escolar nos Estados Unidos da América (EUA): feitas as necessárias adaptações às nossas condições de trabalho no Brasil, várias ações confirmaram o acerto de outras por nós desenvolvidas em nossa experiência didático-pedagógica, bem como motivaram iniciativas a serem experimentadas. Assim, alinharemos, na quase totalidade dos casos, pontos de vistas nossos que buscamos encontrar ou construir naquele que seria o “**professor inesquecível**”, o “**professor nota dez**”, e que, em última instância, foi a saga pessoal de uma vida de professor que, felizmente, é inalcançável, obrigando-nos ao eterno aprender, condição indispensável para quem deseja educar.

Nas décadas de magistério e administração escolar em que coligi centenas de experiências pessoais ou pesquisadas, ficou aquela que posso chamar de **regra de ouro**: jamais deixar de considerar cuidadosamente qualquer iniciativa que possa trazer alguma contribuição ao processo de aprendizagem e, na mesma proporção, jamais submeter professores e alunos a aventuras pedagógicas, por mais que seja uma daquelas ondas avassaladoras e “incontestáveis”, em que os ausentes sejam considerados anacrônicos. Quantas não foram as vezes em que dinheiro, energia e, acima de tudo, a educação, foram sevidas pelos profetas de plantão por modismos inconsequentes? Se o uso do cachimbo entorta a boca e se o hábito faz o monge, podemos afirmar que o dever de avaliar não faz do professor um autoavaliador, necessariamente: no decorrer de nossa experiência pedagógica, raras foram as vezes em que presenciei (e nisto me incluo) um professor se avaliando de forma objetiva e espontânea; isso para não falar de um tabu perigoso que, apesar de mais restrito à universidade, ainda assim provoca severos incômodos: a avaliação dos docentes pelos alunos.

Quando se fala em **professores nota dez**, é indispensável apontar que a avaliação de um professor, por mais “melindráveis” que possamos ser a ela, é um corolário de múltiplos fatores que, se não cuidadosamente ponderados,

dão margem a conclusões desastrosas porque falaciosas: de início, e acima de tudo, os **indicadores de progresso e crescimento no processo de aprendizagem dos alunos**, a partir das condições em que os mesmos chegaram e daquelas em que o professor trabalha. Nesse quesito inclui-se, de forma implícita, o **grau de felicidade** (palavra perigosa para os educadores “sérios”) que deve permear sempre o ensino; a seguir, o grau de **adequação dos objetivos pedagógicos propostos e alcançados** com relação ao projeto pedagógico estratégico da instituição; por fim, num esforço simplificador e numa medida menos importante, os **índices de aprovação formal** que, paradoxalmente, resistem a estarem completamente atrelados aos do crescimento dos alunos. Razão de outra frente de essenciais e urgentes mudanças no ensino, pois geradoras dos mais universais infortúnios na educação, todos os seres humanos que passaram por uma escola têm indelévels lembranças de **fantasmas escolares que encarnavam médias, arredondamentos, notas vermelhas, boletins**, bem como arrastam por todas suas vidas as marcas de sistemas de avaliação que poderiam encher todas as clínicas psiquiátricas do mundo por várias décadas e que, no entanto, nem sempre foram medidas confiáveis de aprendizagem.

Creemos que a melhor forma de mostrarmos um **professor nota dez** é construí-lo tautologicamente pelo início, a partir de algumas singelas observações que podem ajudar ao observador externo bem como àqueles que se iniciam na profissão.

**As aulas devem sempre ser cuidadosamente alinhadas ao projeto da escola, preparadas e adequadas às especificidades de cada classe** em que forem ministradas; se existem conteúdos mais perenes, não existem grupos e condições iguais: a especificidade e singularidade das situações de aprendizagem são uma das pedras angulares da construção pedagógica. **A fidelidade aos objetivos de cada aula permite ao professor maior racionalização e, portanto, aproveitamento do tempo**: esse é outro grande foco de controvérsias e preocupações para a gestão educacional eficaz. De um lado, os professores sempre pleiteando maiores cargas horárias para as suas disciplinas, por outro, a quantidade legal de componentes curriculares a serem atendidos e as opções de cada escola no sentido de enriquecer sua estrutura curricular. Nesse sentido, a leitura proposta como ponto de partida das discussões é exaustivamente pormenorizada, demonstrando um grande espectro de recursos que, controlando a duração das atividades nas aulas, possibilita significativos ganhos de tempo: qualquer professor com alguma experiência conhece formas de alargar ou encurtar o tempo sem substanciais perdas de qualidade no tratamento didático de um tema: o **tempo pedagógico de uma aula é uma delicada condição para a produção do conhecimento científico e da sensibilidade ao potencial de aprendizagem dos alunos**. E, por isso mesmo, a elaboração de cronogramas péticos *a priori* é um equívoco, uma vez que, insistimos, **programas são instrumentos da educação**

## O bom professor deve ter um estoque suplementar de **humor** para tirar uma turma dos “**pântanos do marasmo**”

**e a recíproca jamais poderá ser verdadeira.** Como qualquer planejamento, os **programas didáticos devem ser constantemente reavaliados**, não podendo estar atados a “sistemas de ensino” que, emulando os roteiros dos cursinhos preparatórios para vestibulares, obedecem a desígnios que pouco têm a ver com educação, mas com índices fixos de “produtividade de conteúdos”.

Aqui, é muito importante destacar a **falácia tecnológica** enquanto forma de aceleração e facilitação de conteúdos, sobretudo: muito pouca eficácia pode ser obtida pelo uso indiscriminado da tecnologia da informação (TI), se não tivermos um cuidadoso conhecimento do público-alvo e do que queremos atingir; para as **atuais gerações a inovação foi despojada daquele efeito mágico** que atingia a nós mais velhos e que, por si, provocava uma captura e atenção suplementar. Muitas vezes, como veremos, antiquíssimos recursos didáticos, bem trabalhados, resolvem os impasses da aprendizagem. Chegaria a ser cômico (se não fosse desastroso) assistir a um professor usando, de forma canhestra, recursos de TI, numa sala em trevas, com um projetor de multimídia ligado, achando que a atenção de seus alunos possa ser mantida por mais de dez minutos, promovendo um espetáculo de “soporífero didático” e crendo estar se valendo do que de melhor o “ensino moderno” propicia. O barateamento dos equipamentos e a imagem de modernidade que envolveu seu uso fizeram com que, inúmeras vezes, os multimeios fossem adotados sem uma avaliação de sua adequação às situações em que deveriam ser usados. Sem discutir que **desconsiderar a existência da TI é certificado de insanidade pedagógica**.

Seguindo o caminho do professor até a sua aula, **a sua forma de se apresentar já antecipa a aula**: cuidados com o trajar não significam desrespeitar o estilo pessoal de cada professor, nem submetê-lo a trajes pouco confortáveis. Uma primeira e importante indicação da sensibilidade do docente à cultura de sua instituição e sua adequação ao *modus vivendi* da mesma é a forma de se trajar que, em

nada, precisa ferir suscetibilidades pessoais nem, evidentemente, as normas mais elementares da civilidade. Por outro lado, submeter um professor aos incômodos de um traje mais formal, em situação normal de aula, é equivalente a obrigar um religioso a ministrar seu ofício em trajes de banho: essencialmente descabido e contraproducente. A imagem que o professor cria, obviamente, como em qualquer atividade humana, gera a moldura dentro da qual será construído seu curso: aqui, como em qualquer outra cultura, estereótipos e preconceitos compõem barreiras que,

diversamente do que se supõe, podem gerar situações difíceis, uma vez **que a capacidade crítica de um jovem, as relações naturais de poder do responsável pela disciplina provocam, expõem demasiadamente o professor**.

Dentro do ambiente escolar, em qualquer que seja a atividade em

que o professor estiver envolvido, **a consciência de seu papel é condição de sobrevivência: buscar a proximidade com o aluno não será nunca a ele se igualar, será entender seu universo para facilitar a aprendizagem!**

Ao professor cabe ter sempre em mente que seu exemplo é mais importante do que tudo o mais que ele fizer, pois nunca é demais lembrar que **apenas o exemplo ensina e o restante da atividade educativa é estimulação, facilitação e apoio**. O professor que confunde seu papel exemplar confunde seus alunos: muitas foram as vezes em que surpreendi professores sentados nos braços das carteiras e com os pés no assento, além de outras posturas que, com certeza, não aceitariam em seus alunos. Da mesma forma, nada é mais revelador do que um jogo entre professores e alunos para que estes percebam as eventuais **contradições entre o discurso e a prática**, elementos corrosivos para a tão delicada imagem do educador que, em qualquer situação, deve assumir seu papel, **lembrando que é referência, que é quem estabelece os tão desejados e decantados limites reais da vida escolar**. Dando continuidade à construção do “**professor**” **inesquecível**, quando as circunstâncias permitem, uma ação interessante **é a chegada à sala de aula antes da turma, permitindo que assuma a posse da mesma** como aquele que recepciona, que apresenta e valida o espaço de trabalho, e não como um intruso que precisa se impor em campo alheio e do grupo. Tal atitude, extremamente singela, permite ao professor uma margem de segurança para um início de trabalho harmonioso e tranquilo. Aqui, ao menos avisado, fica a sensação de perda do **efeito teatral**: a “chegada triunfal” do professor que, quase sempre, é imperceptível no “espaço de libertação” dos intervalos. Saber usar essa vantagem é um indicador do professor sensível à sua condição indispensável de líder.

**Criar, de início, o clima de estudo**, mesmo quando o estilo é descontraído, é garantir que a aula possa ter seu melhor desempenho. Fazer com que os alunos iniciem seus trabalhos **dividindo com o professor** os objetivos e estratégias da aula

é aquecê-los ou é tirar as “lembranças” da aula precedente; daí o risco de aulas que se iniciam com “brincadeiras de descontração” ou, até mesmo, pela verificação de presença quando os chamados ficam liberados para conversarem, a descontração deve ocorrer desde que a concentração fique exaustiva e não quando ainda não aconteceu.

**Nunca deixar que os alunos percam de vista os objetivos da aula: falar do que se vai tratar, lembrar do que se está tratando, dizer o que se tratou.** A manutenção do foco quando se trata, sobretudo, de adolescentes, é saber que, nessa idade, estaremos sempre disputando suas atenções com **a vida, a qual é muito mais sedutora**; é achar que o nosso modo de passar informações importantes é sempre mais atraente do que a incomparável capacidade dos meios digitais à disposição deles em todos os espaços imagináveis com recursos inesgotáveis de interatividade. E como a vida é sempre mais atraente, **caso não consigamos mostrar alguma relação entre o que se quer ensinar e a realidade de nossos alunos**, há que se anular o conteúdo do programa, o que nenhuma pessoa sensata terá algo a dizer. Fazer a correlação entre o mundo do educando e a educação é banir a antiga e atroz “verdade”: “Meu filho, no futuro você entenderá e dará valor a isto e se lembrará de mim”. Para que possamos “ganhar” nosso aluno para a natural aridez das ciências, é indispensável o **encantamento da praticidade, a fantasia do ferramental** que move nossa civilização. O professor eficaz é aquele que facilita o acesso ao conhecimento criando a ligação do mesmo com a situação de cada aluno; assim, esse professor será lembrado como aquele que fazia de sua ciência um universo possível e de prazer, uma vez que é muito difícil gostar do que não se entende. Por outro lado, aquele **ser jurássico**, que tornava sua “ciência” impenetrável, quer para mostrar como era “superior”, quer como instrumento de poder, mais do que ter seu nome banido das memórias de seus alunos, deveria ser banido da educação: quem não se lembra da frase maldita, **“ele sabe muito, para ele...”**

**Conhecer as especificidades de cada turma e saber explorá-las** são outras premissas essenciais para o bom desempenho de um professor que se quer o melhor: vai longe o tempo do professor que “confiava no seu taco”, que “encarava qualquer turma”, que “dobrava os piores”, que “se garantia”, todas expressões muito ouvidas em ambiente educacional. O bom professor é, certamente, capaz de improvisar, mas **não pode mais deixar ao acaso varáveis asseguráveis**: mapear lideranças, conhecer os índices de conflito e cooperação das turmas e de suas melhores condições de produzir, são condições perfeitamente possíveis pelo entrosamento e cooperação entre os educadores, bem como facilitam muito o trabalho docente. Basta lembrar que tais informações permitem, entre outras coisas, que se faça a **arrumação do ambiente de estudos**, que se transforme o “**indefectível fundão**” num grupo colaborativo e que lideranças negativas sejam positivamente catalisadas. A compreensão das classes enquanto grupos, sobretudo na adolescência, não impor-

tando o nível de escolaridade considerado, é lembrar que o ser humano é um animal de grupo e, como tal, encontra identidade e expressão que, nessa fase, são vitais.

**Ao pensar cada aula como única, o professor deve estar sempre atento a cada aluno:** nada é mais seguro para se perder uma classe do que privilegiar alguns (geralmente os piores e os melhores). Varrer constantemente a turma com a sua atenção e **fixar com o seu olhar o maior número possível de alunos é convidá-los a participar**, o que não é difícil e depende de um pouco de treino e atenção; além do mais, é trabalhar a variável que mais preocupa um professor, a disciplina: o olhar atento do professor tolhe, em seu nascedouro, qualquer deslize, bem como permite **a única forma de aula que se imagina em nossos dias, a aula interativa**. No mesmo sentido, **saber os nomes de seus alunos e conseguir identificá-los é dar a cada um o valor indispensável para torná-lo cúmplice e parceiro**. O anonimato, para o aluno, é um dos indicativos da “pouca importância” que o professor atribui ao seu próprio trabalho.

**Construir aulas interativas** se consolida como uma das alternativas mais comprovadas de se garantir o processo de aprendizagem: é se valer do **bom desempenho oral do professor** instigando o aluno a responder questões, a complementar raciocínios e elucidar propostas, enfim, a ser parte ativa do processo. Depois de séculos, recuperamos a maiêutica socrática na sua essência de educar como via de mão dupla. Por mais eloquente que seja o mestre, por mais que sua capacidade de traduzir em palavras sua ciência seja brilhante, **ninguém resiste a um monólogo de mais de 30 minutos numa jornada de muitas horas de aula**. E, no caso das aulas interativas, o autor supracitado oferece interessantes estratégias no sentido de se aprimorar a abordagem de não se perder o ritmo da aula, de se evitar subterfúgios dos alunos para não participarem, de se estimular a participação dos mais tímidos; enfim, de uma abordagem sistêmica que justifica e indica, amplamente, a eficácia da interatividade na docência.

E, em matéria de interatividade, existe um **catalisador indispensável, o elemento lúdico que transforma momentos estratégicos das aulas em espaços de consolidação da compreensão ou de superação de “gargalos de compreensão”**: brincar, simular, jogar com “coisas difíceis” têm sido, desde tempos imemoriais, recursos preciosos que a já mencionada “educação séria” repudiou, mas que hoje ganharam a respeitabilidade que o sucesso de seu uso garantiu. Com as condições materiais que hoje possuímos, a maior preocupação que o educador deve ter é na moderação do uso e, jamais, em considerar, ou não, essa via: na medida em que uma tarefa ganha foros de brincadeira, de desafio à imaginação, a aridez da teoria fica diluída e o esforço de compreensão é amenizado. Estudar os momentos do programa e as formas a serem utilizadas para se lançar mão de uma gincana, de uma simulação, ou de um jogo pedagógico é mais uma das consequências e condições do planejamento bem feito e da percepção das condições do grupo.



O prof. Henrique Vailati Neto, diretor do Colégio FAAP, acompanhando um exercício que os alunos estavam realizando com o auxílio do iPad.

E já que falamos da **mais antiga ferramenta docente, o discurso**, a qual é um pouco menos essencial ao atual professor e que pediria outro longo artigo (como todos os outros aspectos enfocados), vamos nos esforçar em apontar o estritamente essencial. Antes de tudo, falar em público deve ser um **exercício de se “auto-ouvir”** sempre, de se descobrir redundâncias e digressões desnecessárias, falta de clareza e objetividade; de se identificar os famigerados bordões tais como, “Né”, “Por exemplo”, “Bem”, que servem para que os alunos estabeleçam “escores de repetição” e para que, além de cansar os ouvintes, revelem descaso e despreparo. Lembrar ao professor, que em muitas circunstâncias ele é obrigado a falar de temas alheios à sua disciplina, é dizer que ele é um comunicador e que, homenageado em uma formatura, deverá ser capaz de mostrar que, no essencial que é falar em público, ele também é muito bom. Fico sempre chocado ao perceber que, nesse quesito essencial, muito “candidato a professor” se descuida, sendo assim para sempre candidato. Falar na obrigação da melhor comunicação pelo professor é lembrar que, seja ela escrita ou oral, enquanto “documentadora” da preparação do professor, existem obrigações irrecusáveis: revisar sempre os textos, lembrar que erros todos cometemos, mas que o professor tem uma obrigação adicional em errar menos e que, em última instância, entre a indigência e o pedantismo de vocabulário, é melhor ficar com a última das opções, pois nada é pior do que um professor não conseguir ao menos três sinônimos para

cada palavra. Por fim, o “verdadeiro professor nota dez” desenvolve o seu **estilo de falar e escrever que caracteriza a sua marca diferenciadora**: pode parecer um requinte de preciosismo, mas cada um de nós lembra que os **nostros “professores inesquecíveis” tinham algo no contar suas disciplinas que magnetizava, empolgava, que, de forma natural, nos envolvia** na sua maneira de falar da matéria que passava a ser só dele.

Entre as marcas indeléveis do “professor premiado”, aquela que sempre encontramos, é a da **cordialidade com firmeza**: desconheço os casos em que a autoridade tenha se firmado apenas a partir do “terrorismo didático”, da “violência da caneta vermelha”. **Educar, antes de qualquer coisa, é profissão de fé na capacidade humana de crescer, não pode ser produto da realização de estrelismos personalísticos**. Assim, o clima de gentileza, mais do que condição para o convívio civilizado, é o cimento para se **criar a empatia necessária para que o educando confie no educador e o emule**. Rigor científico em nada se contrapõe a gentileza; seriedade, na forma mais elevada de se pensá-la, é a principal razão do bom humor (aliás, mau humor é seguro sintoma de patologias). **A estreita ligação entre sentimento e memória, sobretudo, no caso da educação, o prazer** (sempre ele!), ficam confirmados com uma interminável memória de traumas de aprendizagem provocados por “grandes mestres” que se “imortalizaram” pelas inscrições nas crônicas pouco mencionáveis das portas de banheiros e por suas ações

deseducadoras de castração científica em suas áreas de atuação. Quem não tem muito presentes em suas lembranças escolares os dois paradigmas opostos, **o professor para quem a classe exigia silêncio e o professor cuja ausência era aplaudida?**

Aqui vale a pena aprofundar um pouco esse **“tema de risco pedagógico”, que é o humor na aula.** Tenho muito vívida na lembrança a opinião de um diretor (não educador) que, comentando o “estilo” desejado para os seus professores, afirmou: “Professor meu não é palhaço, não quero brincadeira em aula!” De fato, nada melhor para ilustrar a falta de compreensão no que se refere ao clima que se deve buscar em sala, o qual, **sempre que adequado, deve levar ao prazer e, se possível, ao riso enquanto demonstração maior de felicidade.** Já foi dito que saber rir de si mesmo é um dos indicativos de saúde mental e inteligência. Insisto, **ninguém quer do professor um humorista, mas alguém que, encontrando prazer no que faz, estenda esse sentimento bom aos alunos.** Como o riso deve coroar um espaço contemplado pelo professor como destaque, ele deve ser pensado com o cuidado de um raro tempero que, usado em excesso, faz desandar o “alimento”: dependendo do potencial de reação de uma turma, o risco de se perder a objetividade e o retrabalho de voltar ao tema podem ter elevados custos didáticos. Em igual nível de cuidado, o bom professor deve ter um estoque suplementar de humor para tirar uma turma dos “pântanos do marasmo”, no qual uma pitada do “tempero d’alma” pode salvar uma aula.

Entre os quesitos de identificação do “professor nota dez porque inesquecível”, queremos destacar **o amor pelo erro e a sua importância para a educação:** errar em quase tudo o que fazemos é uma das formas mais seguras de aprendermos a fazer o correto. **O erro permite ao professor reconstruir o caminho do aluno para o acerto, deve ser fator de promoção e estimulação pela participação em aula. Só erra quem tenta,** mesmo quando o erro seja produto de contestação ou descaso; dele, o educador deve se valer para tornar o posterior **sucesso maior do que o tropeço.** Dessa forma, o pavor de ser humano, ou seja, de não acertar, será substituído pela vontade de participar, de correr riscos e fazer parte do jogo. Observem uma fêmea ensinando suas crias a caçar e notem que ela jamais as punirá pelo desacerto, mas insistirá sempre... Quem não se lembra, entre os mais antigos, do pavor de ser mandado para o “patíbulo da lousa” para ser exposto à execução pública?

A esta altura, estou certo de que muitos leitores, sobretudo os “irmãos de giz”, que me deram a honra de até aqui ler, devem estar remoendo uma verdadeira coleção de objeções: “Será que este burocrata se esquece das condições de trabalho dos professores que enfrentam filhos de famílias destroçadas, em que os valores se perderam, nas quais os filhos foram esquecidos e comprados com conforto material?”; “quantas vezes será que ele foi obrigado a virar noites corrigindo provas ou preparando aulas para depois não se sentir prestigiado e

atendido pelos seus alunos?”; “será que não se lembra dos limites da lei e das solicitações das instituições de ensino, estabelecendo regras divorciadas da realidade?”. Falar de nossa experiência (cheia de fracassos e de algumas vitórias) em nada minora questões como as precedentes. Lembrar que, no Colégio FAAP, as condições de trabalho permitem aos nossos professores buscarem, a cada dia, a excelência, de nada vale se não lembrarmos alguns pontos que antecedem e neutralizam argumentos como os citados. Em grande parte dos casos de alunos oriundos de famílias desestabilizadas, **foi graças a um “professor nota dez” que, assumindo a figura familiar, conseguiu estabilizar e nortear os alunos,** valendo-se de uma oportunidade ímpar de educar. Da mesma forma, se não é função única da escola marcar limites (ou, como alguns gostariam, “domesticar” jovens), **sempre coube à escola uma parte substancial da tarefa educadora que, em nossos dias, tendo crescido, é parte inalienável do nosso contrato de trabalho.** Por fim, insisto, quando buscamos a educação, estamos aceitando um **trabalho essencialmente artesanal, no qual devemos forjar nossas próprias ferramentas,** mesmo que não tenhamos a riqueza material, como a de nosso Colégio FAAP, que com **um mínimo de criatividade e uma boa dose de boa vontade todos são capazes.**

Há que se deixar muito claro, e não estou preocupado com “eventuais calos” a pisar, que o magistério não pode ser refúgio para **cientistas mal alocados** que, não conseguindo viver de sua ciência, acabaram dando aulas por não encontrar a guarida justa na academia. A docência não pode ser aceita para **artistas de pouco talento** que, querendo público, elegem uma disciplina como texto e alunos como plateia. De fato, temos consciência de que os poucos indicadores aqui oferecidos para a identificação/construção do **professor nota dez,** se aparentemente singelos, dependem muito mais do trabalho de percepção e persistência. Eles são consequências de uma **opção ideológica muito segura. A opção incontestante na esperança de se melhorar a vida pela educação, ou seja, educar é ter sempre os olhos brilhantes quando se olha para um aluno, não importando sua idade.** Mesmo que possa parecer piegas, tal certeza nasceu do privilégio de haver, desde minha casa com meu pai, convivido com grandes educadores para os quais não havia maus alunos; para quem o melhor aluno era aquele que necessitava do professor e que, para o professor, o “dito” mau aluno era o que importava. Quantas não foram as vezes em que, como professor novo, senti-me confuso ao ouvir, na sala de professores, comentários sobre a “qualidade destes jovens de hoje”. **Mais do que produtos das conquistas, dos erros ou das omissões dos mais velhos, ou seja, nossos produtos, os jovens de hoje são nossa matéria-prima, são a razão de existirmos como educadores, são a única via para termos alguma esperança no porvir, porque o resto é silêncio, é negação da educação e, por consequência, da própria vida!**